

NIETZSCHE

- **MORTE DE DEUS**

Novas lutas – Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. – Quanto a nós teremos também que vencer a sua sombra!” (GC, §108)

O homem desvairado – Não ouviram falar daquele homem desvairado que em plena manhã ascendeu uma lanterna, correu até a praça e gritou incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus! ” ? – E como lá se encontravam muitos daqueles que não acreditavam em Deus, ele provocou uma grande gargalhada. Será que ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como criança? perguntou outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou em um navio? Emigrou? – assim gritavam e riam uns para os outros. O homem se lançou para o meio deles e transpassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós matamos – você e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não erramos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pelo o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que ascender a lanterna de manhã? Ainda não escutamos nada do barulho dos coveiros que estão a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos. Como nos consolamos, os assassinos entre todos os assassinos? O mais sagrado e poderoso que o mundo até então possuíra sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos purificar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza deste ato não é grande demais para nós? Nós mesmos não deveremos nos tornar deuses para que venhamos a parecer dignos deste ato? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertence por causa deste ato a uma história mais elevada do que toda história até aqui! Neste momento silenciou o homem desvairado e olhou novamente para os seus ouvintes: Também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. Finalmente, ele lançou sua lanterna no chão, de modo que esta se partiu e apagou. “Eu cheguei cedo demais” – disse ele então – “eu não estou sintonizado com o tempo”. Este acontecimento extraordinário ainda está a caminho e perambulando – não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O raio e a tempestade precisam de tempo, a luz dos astros precisam de tempo, os atos precisam de tempo, mesmo depois de terem sido realizados, para serem vistos e ouvidos. Este ato é para os homens mais distante que o mais distante dos astros: e porém eles o cometeram! – Conta-se ainda que o homem desvairado adentrou no mesmo dia várias igrejas e entoou aí seu Requiem aeternam deo. Acompanhado até a porta e interrogado, limitava-se a responder. “O que são ainda afinal estas igrejas, senão túmulos e mausoléus de Deus? (GC, §125)

O que há com nossa serenidade – O maior dos acontecimentos recentes – que “Deus está morto”, que a crença no Deus cristão caiu em descrédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Para os poucos, pelo menos, cujos olhos, cuja suspeita nos olhos é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, parece justamente que algum sol se pôs, que alguma velha, profunda confiança virou dúvida: para eles nosso velho mundo há de aparecer dia a dia mais poente, mais desconfiado, mais alheio, mais “velho”. Mas no principal pode-se dizer: o próprio acontecimento é grande demais, diante demais, demasiado à parte da capacidade de

apreensão de muitos, para que sequer sua notícia pudesse já chamar-se chegada: sem falar que muitos, já soubessem que propriamente se deu com isso – e tudo quanto, depois de solapada essa crença, tem agora de cair, porque estava edificado sobre ela, apoiado a ela, arraigado nela; por exemplo, toda nossa moral europeia. Esse longo acúmulo é sequência de ruptura, destruição, declínio, subversão, que agora então em vista: quem adivinharia hoje o bastante deles, para ter de servir de mestre e prenunciador dessa descomunal lógica dos pavores, de profeta de um ensombrecimento e eclipse do sol, tal que nunca, provavelmente, houve ainda igual sobre a terra? Estamos ainda, talvez, demasiado sob as consequências mais próximas desse acontecimento – e essas consequências mais próximas, suas consequências para nós, não são, ao inverso do que talvez se poderia esperar, nada tristes e ensombrecedoras, mas antes são como uma nova espécie, difícil de descrever, de luz, felicidade, facilidade, serenidade, encorajamento, aurora... de fato, nós filósofos e “espíritos livres” sentimo-nos, à notícia de que “o velho Deus está morto,” como que iluminados pelos raios de uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, assombro, pressentimento, expectativa – eis que enfim o horizonte nos aparece livre outra vez, posto mesmo que não esteja claro, enfim podemos lançar outra vez ao largo nossos navios, navegar a todo perigo, toda ousadia do conhecedor é outra vez permitida, o mar, nosso mar, está outra vez aberto, talvez nunca dantes houve tanto “mar aberto”. (GC, §343)

- **SUJEITO**

Quando se fala da superstição dos lógicos não deixo nunca de insistir num pequeno fato que as pessoas que padecem desse mal não confessam senão através de imposição. É o fato de que um pensamento ocorre apenas quando quer e não quando "eu" quero, de modo que é falsear os fatos dizer que o sujeito "eu" é determinante na conjugação do verbo "pensar". "Algo" pensa, porém não é o mesmo que o antigo e ilustre "eu", para dizê-lo em termos suaves, não é mais que uma hipótese, porém não, com certeza, uma certeza imediata. Já é demasiado dizer que algo pensa, pois esse algo contém uma interpretação do próprio processo. Raciocina-se segundo a rotina gramatical: "Pensar é uma ação, toda ação pressupõe a existência de um sujeito e portanto..." Em virtude de um raciocínio semelhante e até igual, o atomismo antigo que unia a "força atuante" à parte de matéria em que se encontra essa força, atua a partir desta: o átomo. Os espíritos mais rigorosos terminaram por desfazer-se deste último “resíduo terrestre” e inclusive pode chegar o dia em que os lógicos prescindam desse pequeno “algo” (que ficará como resíduo ao evaporar-se o antigo e venerável "eu") (BM, §17)

Expliquemos agora de maneira quão diferente nós (digo nós por cortesia) concebemos o problema do erro e da aparência. Outrora a mudança, a variação, em geral o vir a ser eram considerados como provas da aparência, como sinais de que devia haver aí algo que nos extraviara. Hoje, ao contrário, vemos com exatidão até que ponto a preocupação da razão nos obriga a fixar a unidade, a identidade, a duração, a substância, a causa, a realidade, o ser, de sorte que nos enreda no erro e torna necessário e erro, ainda que mediante uma comprovação rigorosa adquiramos a certeza de que ali existe o erro. Sucede como no movimento dos astros, só que neste caso nossos olhos são o advogado perpétuo do erro, e naquele quem advoga em favor do erro é nossa linguagem. Por sua origem, a linguagem pertence à época das formas mais rudimentares da psicologia; penetramos no campo do grosseiro fetichismo quando tomamos consciência das condições primeiras da metafísica da linguagem, isto é, da razão. Vemos então em toda parte ações e coisas ativas, cremos na vontade como causa geral, cremos no eu, no eu como ser, no eu como substância, e projetamos a substância do eu e a crença nele sobre todas as coisas... só assim criamos o conceito de coisa. O ser imaginado em toda a parte como causa, posto no lugar da causa, e do conceito do eu emana como uma derivação simplesmente a noção do ser. Originariamente existia aquele grande e funesto erro que consiste em considerar a vontade como uma coisa que opera. Queria-se que a vontade fosse uma faculdade. Hoje sabemos que isso não é senão uma palavra oca. Muito depois, num mundo mil vezes mais

iluminado, a segurança, a certeza subjetiva na manipulação das categorias da razão, irrompeu na consciência dos filósofos, surpreendendo-os. Deduzirão eles que essas categorias não podiam ter uma origem empírica, posto que todo o empirismo está em contradição com elas. De onde se originavam então? Na Índia, como na Grécia, se incorreu no mesmo erro: "É necessário que tenhamos habitado anteriormente um mundo superior (em lugar de dizer um mundo muito inferior, como é a verdade). É forçoso que tenhamos sido divinos, já que detemos a razão." E, com efeito, não se soube até agora de nada que tivesse uma força de persuasão tão direta como o erro do ser, como foi formulado pelos eleatas, por exemplo, pois lhes são favoráveis nossas palavras. Até os próprios adversários dos eleatas se renderão à sedução do conceito do ser que aqueles sustentavam. A razão na linguagem, que velha embusteira! Temo que jamais nos livremos de Deus, posto que cremos ainda na gramática. (CI, "A 'razão na filosofia'", §5)